

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

A presença viva da cultura afro no semi-árido baiano: Religiosidade, crenças e tradições

Lúcia Parcero¹

Resumo:

Propõe-se, através deste artigo, o estudo da religiosidade como fornecedora de categorias de explicação de fatos e situações em suas manifestações em uma comunidade afrodescendente, situada no município baiano de Conceição de Coité, para apreender a visão do contexto religioso, sua linguagem e suas crenças associadas às expressões culturais. Tendo em vista que em questões dessa natureza, predominam, geralmente, os sentidos consolidados, defendidos através da relação que se estabelece entre a igreja e a sociedade, pergunta-se: de que forma o saber religioso se manifesta naquela comunidade? Como ocorre o diálogo entre o saber constituído da Igreja e as crenças populares? Que ideologia está implícita nas categorias fornecidas pela religiosidade? Na tentativa de responder tais questionamentos, analisam-se três fragmentos de entrevistas realizadas na comunidade, a partir da ideologia do cotidiano, proposta por Bakhtin (1929), tomando-se a ambivalência como categoria de análise. Para o autor o estudo da linguagem se estende à elucidação de valores, crenças, expectativas que revelam a visão de mundo historicamente constituída.

Abstract:

The present paper propose conceiving religiosity as providing comprehensive categories for facts and situations as they are performed in an African-Brazilian community, situated in the Bahia's municipality of Conceição do Coité, so as to approach the religious context view, its language, and its beliefs, which are associated with cultural expressions. Considering that in such questions, the meaning which are both consolidated and claimed through the relation between church and society predominate, it might be asked the following: How is the religious knowledge performed in that community? How is the dialogue between the knowledge constituted in the Church and folk beliefs established? Which ideology is implied in the religious categories? In the attempt to answer such questions, three interview excerpts are analyzed. Such analysis is based on the category. According to Bakhtin, the study of language encompasses the elucidation of values, beliefs, expectations that reveal the historically established world view.

No semi-árido baiano é comum encontrar, em seus diversos municípios, comunidades afrodescendentes semi-isoladas, das quais ainda pouco se sabe sobre a formação sócio-histórica. Este estudo é desenvolvido na Fazenda Maracujá, uma dessas comunidades, localizada em Conceição do Coité, município que foi ponto de comércio de escravos². Fatos da escravidão estão presentes, ainda hoje, na memória dos mais velhos, o que talvez esteja no cerne do auto-isolamento dos habitantes daquela comunidade.

¹ Professora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB

² O que pode ser atestado pela documentação de compra e venda de escravos, assim como, de cartas de alforria arquivadas no cartório local.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Apesar das condições desumanas nas quais os africanos foram trazidos para cá, em sua situação de cativo, das perseguições políticas e discriminações durante séculos, pode-se verificar toda a força com que suas tradições religiosas e culturais resistiram ao tempo e às adversidades que lhes foram impostas, permanecendo vivas nas expressões artísticas e culturais, na língua e, principalmente, nas expressões religiosas do povo brasileiro.

Compatível com a noção de táticas de Certeau (2004), os escravos resistiram silenciosamente à concepção religiosa dominante – a católica – e desenvolveram, através do sincretismo³ com os santos católicos, mecanismos de apropriação, recriando significado e práticas religiosas. Na concepção do autor ‘estratégia’ e ‘tática’ podem ser definidas como

O cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que o sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolada [...] denomino, ao contrário, ‘tática’ um cálculo que não pode contar com um próprio nem, portanto, com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o outro (CERTEAU, 2004, p. 46).

Neste sentido as ‘táticas podem ser consideradas “maneiras de fazer”, isto é, são exatamente as atitudes de resistência, de resignificações cujo poder de transformação se dá em espaços silenciosos do cotidiano. Em relação ao imposto, os indivíduos vão se desviando das estratégias orientadas por ideologias rígidas e por programas institucionais inflexíveis.

À semelhança dessas ‘maneiras de fazer’, os escravos resistiram à concepção religiosa dominante e, do ‘lugar do outro’, do ‘poder’, desenvolveram, através do sincretismo com os santos católicos, mecanismos de apropriação, recriando significados e práticas religiosas. De acordo com Povoas (1999, p. 215)

³ O sincretismo afrobrasileiro foi um modo de sobrevivência e de adaptação do qual os escravos africanos se utilizaram. Nas senzalas e nos quilombos predominavam a reinvenção e a mistura de valores e instituições. É óbvio que os escravos foram forçados a mudar muitas coisas que não mudariam se não tivessem sido submetidos à pressão escravocrata e colonial, mas foram deles muitas mudanças, pois não permitiram transformar-se naquilo que o senhor desejava. O sincretismo está muito presente na religiosidade popular, nas procissões, nas comemorações dos santos, nas diversas formas de pagamento de promessas (REIS, 1996, p. 19-20).

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

[...] enquanto se resguardava à perseguição, o fiel do candomblé vivia outra realidade cultural, um outro modo de interpretar o universo e a vida (...) Oriundo da mistura de uma massa de escravos oprimidos, alijados do pátrio poder, o escravo conservou uma visão de mundo gestada no continente africano, completamente diferente do modelo judaico-cristão e não permitiu que o sistema oficial o expropriasse de seu próprio conhecimento.

Essa 'outra realidade cultural' a que Povoas se refere pode ser interpretada como uma 'tática desviacionista', ou seja, a forma que os adeptos do candomblé encontraram para preservarem sua visão de mundo e exercerem suas crenças associando as qualidades e ou os atributos de suas divindades — *orixás ou inquices* — às dos santos católicos e, do mesmo lugar, onde atuavam as estratégias institucionais, os adeptos do candomblé reelaboravam elementos advindos de seus ancestrais e resistiam ao que lhes era imposto pelo sistema constituído da Igreja.

Dessa forma, durante o período da escravidão, nos centros urbanos, alguns escravos das mesmas nações (*jeje, nagô, haussas, congo, angola, moçambicano*, entre outros), aos poucos, foram se organizando em terreiros de candomblé, outros criaram irmandades religiosas junto à igreja católica, como estratégias para preservarem suas tradições, desenvolvendo uma *consciência racial*⁴. Atualmente, continuam se organizando não apenas em irmandades⁵, mas também através da música, de expressões artísticas e, principalmente, do candomblé, que tem influenciado favoravelmente intelectuais, artistas, empresários e políticos. Em algumas regiões do país, a cultura afro vem conquistando espaço, contribuindo, dessa forma, para mudar o quadro de discriminação étnica ainda muito presente em nossos dias.

Embora até recentemente a prática do candomblé fosse perseguida, movimentos dessa natureza têm contribuído para mudança de atitude da sociedade em relação às suas

⁴ Vale precisar que se entende consciência racial como uma construção histórica e não como um dado da biologia, assim, não é na cor da pele nem nos demais traços fenóticos de um grupo que reside a sua identidade, mas são, antes, as interpretações social e cultural dadas a essas características biológicas que criam, simbolicamente, a identidade do grupo (PEREIRA, 2002:65).

⁵ Atualmente, algumas dessas irmandades sobrevivem reunindo e prestando serviços à população afrodescendente, a exemplo da Irmandade de Nossa Senhora dos Pretos localizada no Pelourinho em Salvador e a de Nossa Senhora da Boa Morte na cidade de Cachoeira.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

manifestações religiosas e, nos últimos anos, iniciados do candomblé já não hesitam em divulgar para o mundo exterior certos conhecimentos, contos ou mitos relacionados ao divino. Essas atitudes têm levado os afrodescendentes a buscarem ações afirmativas junto à sociedade, em diferentes áreas sociais para mudança das desigualdades ainda verificadas.

A zona rural, entretanto, não parece estar passando pelo mesmo processo de desenvolvimento da consciência racial. Pouco ainda se sabe sobre suas tradições religiosas e culturais. As atividades exercidas no candomblé não são assumidas fora de seus pares, talvez porque ainda sejam muito estigmatizadas pela sociedade local.

Na zona rural, os escravos trazidos para o Brasil, no período da conquista e do desbravamento da colônia, foram distribuídos em pequenos grupos em fazendas distantes uma das outras, numa época em que as comunicações com os centros urbanos eram difíceis. Apesar do isolamento, muitos traços culturais resistiram e foram preservados, principalmente, em relação à expressão religiosa.

Dadas às características peculiares das comunidades afrodescendentes na zona rural na Região Sisaleira, no semi-árido baiano e, dada à carência de pesquisa sobre essas minorias étnicas na região, decidiu-se realizar este estudo na Fazenda Maracujá, um desses locais isolados, onde os indivíduos conservam características de cultura africana no modo de vida, na linguagem e sobretudo no aspecto religioso.

Busca-se, então, refletir sobre a religião como elemento chave no papel que desempenha no fortalecimento de valores culturais, no contexto social global de uma comunidade com suas marcas históricas e culturais próprias Alkmim (2001, p.38). É possível observar, nos grupos sociais, que o anseio religioso aparentemente inerente à espécie humana pode se manifestar de forma culturalmente diversa e atuar também como marcadoras de identidade dos grupos, como mostram as pistas fornecidas pela linguagem dos informantes. Segundo Bakhtin (1929), a religião é uma esfera ideológica da atividade de comunicação humana que se realiza por meio de atividades sociodiscursivas e culturais que, por sua vez, são esferas da atividade da comunicação verbal no interior de um grupo.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Pretende-se, por conseguinte, estudar a religiosidade como fornecedora de categorias de explicação, de fatos e de situações na comunidade. Assim, a partir do pressuposto de que o saber institucionalizado da Igreja se sustenta, muitas vezes, no medo e na fé, pergunta-se: como ocorre a interação entre o saber constituído da Igreja e as crenças religiosas populares? Quais as categorias de explicação fornecidas pela religiosidade para fatos e situações? Que ideologia está implícita em tais categorias? A partir desses questionamentos, pretende-se fazer uma reflexão sobre a linguagem de alguns trechos das entrevistas que constituem o *corpus* da pesquisa, considerando-se que

um caminho a percorrer é precisamente aquele que nos apontam as relações atentas com a alteridade, porque elas nos permitem também, como a arte, escutar o estranhamento. As ações do outro, os dizeres do outro, prenes de sua cultura, quando confrontados com objetos e fenômenos que nos escondem as valorações que nós mesmos lhes atribuímos, mostram-nos o que não mais conseguimos enxergar (GERALDI, 2003, p. 6)⁶

Desse modo, quando se analisam entrevistas, não se pode perder de vista que é o sujeito que se expressa, mas sua voz carrega o tom de outras vozes, refletindo a oralidade de seu grupo, gênero, etnia, classe, momento histórico (FREITAS 2002).

As reflexões apresentadas neste texto têm como eixo teórico o conceito bakhtiniano de ‘ideologia do cotidiano’ articulado a outras concepções afins que permitem uma estreita ligação entre a expressão lingüística materializada e os sistemas ideológicos constituídos. Nesse sentido, a ideologia não é individual, pois sua natureza não se define, necessariamente, por uma relação de classes, mas se refere, sobretudo, por um caráter semiótico e, portanto, social, uma vez que todo sistema de signos é relativo a um grupo organizado em sociedade (BAKHTIN 1929).

O conjunto de signos de um determinado grupo social forma o que Bakhtin chama de ‘universo de signos’. E todo signo, além da dupla materialidade — sentido físico material e o sentido sócio-histórico — ainda recebe um ‘ponto de vista’, pois representa a realidade através de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou

⁶ Alteridades: espaços e tempos de instabilidade. 2003 (mimeo).

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio ideológico. Não se trata, portanto, de análise através da subjetividade humana, mas de considerar as condições culturais em que as comunicações sociais se estabelecem para encontrar o sentido dos signos que penetram a consciência humana. Dessa forma, a visão do mundo, o lugar valorativo e a situação são sempre determinados sócio-historicamente, assim como o sentido real da mensagem só pode ser compreendido pela análise do conteúdo ideológico contido no texto ou nas expressões (MIOTELLO 2005, PONZIO 1998).

Interpretando Bakhtin, Ponzio (1998, p. 113) considera o ‘signo’ verbal como uma enunciação completa, que pode ser representada por apenas uma palavra que não pode estar separada do contexto social e do terreno ideológico a que pertence. Além do mais, é uma comunicação que responde a um diálogo, parte constitutiva de uma interação social. Tomando-se como exemplo o fragmento “todo mundo reza”⁷, pode-se afirmar que o mesmo só pode ser entendido e interpretado dentro do contexto em que foi produzido, já que faz parte de uma interação sócio-cultural nele situada.

Nessa concepção, são também partes integrantes da constituição dos sentidos o emissor, o receptor e o contexto situacional no qual se realiza a interação. Ponzio (1998, p.121) complementa ainda que não se pode avaliar o caráter sócio-ideológico da estrutura sintática se “se estuda apenas a expressão monológica separada de seu contexto verbal e situacional, se se estudam fragmentos do discurso que não têm a ver com a expressão completa, mas com seus elementos constitutivos (fonética, fonologia, semântica, sintaxe)”.

Enquanto os signos, de uma forma geral, representam formas ideológicas específicas e representativas dos domínios nos quais foram gerados, a palavra possui uma neutralidade inicial e pode, por isso, servir a todos os domínios como nenhum outro material o consegue, tornando-se signo ideológico a serviço da ciência, da moral, da religião e de qualquer outro campo particular. O signo, bem como os símbolos específicos de cada campo, possui uma

⁷ Confira enunciado na p. 15.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

função ideológica a qual lhe confere sentido. Além do mais, o signo se caracteriza por sua natureza viva, plurivalente. A este respeito, Ponzio (1998, p. 114) afirma que

o signo é o campo da indeterminação, da ambivalência, do desvio, da relatividade; é o campo no qual tudo se decide socialmente e se determina por circunstâncias, por relações por práticas sociais, que se especificam em cada ocasião. Essa característica de signidade se revela, sobretudo, na linguagem verbal, dada suas circunstâncias.

Dessa perspectiva, pode-se afirmar que a atividade humana está repleta de representações e de índices de valor que, embora sejam absorvidos pela consciência individual, são socialmente produzidos.

Os índices de valor com características ideológicas, ainda que realizados pela voz dos indivíduos (por exemplo, na palavra) ou, de modo mais geral, por um organismo individual, constituem índices de valor, com pretensões ao consenso social, e apenas em nome deste consenso é que eles se exteriorizam no material ideológico (BAKHTIN 2005, p. 45).

Esse caráter coletivo (social) da produção das idéias pode ser o que o autor denomina ‘formas estereotipadas’, ou seja, formas de vida comum relativamente regularizadas, reforçadas pelo uso e pelas circunstâncias, que refletem o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo.

A identidade do homem, por conseguinte, não é só formada por características individuais, mas também e, principalmente, pelo meio sócio cultural no qual está inserido. Bakhtin aponta para as relações interativas que ocorrem no cotidiano das pessoas como espaço importante da comunicação social e onde as coisas acontecem de modo sensível.

Dessa forma, diferentemente da ideologia oficial que tenta implantar uma concepção única de produção de mundo, a ideologia do cotidiano se constitui no espaço onde prevalecem as contradições, a pluralidade de idéias e de concepção de mundo. Se os discursos hegemônicos tentam apagar o real como quer os sistemas constituídos, pode-se encontrar as diferenças, as contradições bem como a diversidade de idéias nas contrapalavras que evidenciam o real.

É, portanto, com base nos pressupostos apresentados, tomando-se a ambivalência como categoria de análise, que se pretende combinar os dados da pesquisa à análise

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

detalhada de comportamentos e seus significados. Pretende-se, ademais, relacionar os resultados da pesquisa a um contexto social maior em que os comportamentos estão inseridos.

Os trechos para análise, a seguir, fazem parte do *corpus* de um projeto intitulado Língua e Cultura da Região Sisaleira – LCRS⁸ e foram selecionados das entrevistas realizadas com a informante AMS, com 56 anos de idade, líder religiosa da comunidade.

No fragmento 1, a interlocução ocorreu na roça, em junho de 2000, entre a DOC que desejava conhecer as atividades da comunidade e observar como as crenças e as particularidades se expressam na linguagem de uma das moradoras, detentora do conhecimento sobre as práticas da lavoura e sobre as relações do dia-a-dia entre os moradores da localidade.

Fragmento 1

Inf. Nós vai tê mio cum base de dois mês, feirão também é cum dois mês que ele ta maduro. Esse daqui chega dá gosto. Nós tem tudo aqui. Se Deus num mandá o contrario, tá maduro. Esse aqui chega dá gosto. E, se o só num entrá e acabá tudo. O ano que .. que passou tava tudo desse jeito, cabou mio, cabou feirão, num deu nada, no ano passado, uns chorava, ôtos ficava tris ‘Minha gente vamo se consolá que Deus é nosso pai’. Eu sô uma pessoa tão conformada em Deus que na maió aflição ele me socorre. Eu disse: ‘Gente Deus é nosso pai ele [inint] nós perdeu quem sabe, quem sabe por causa dos castigo, porque uns faz bom ôtos faz rúim, então quem sabe quem sabe se tivesse aqui aquele mantimento todo o que um fazia com o ôto’? Então deixa passá que é pra se compreendê. ‘Num vamo chorá por isso não porque o que ele perdeu cum ele, ele [inint] drobado, pra nos dá, n’certo?’

Gente se desesperava pá trabaiá e nun ganhá, num sei o que [inint]. Eu digo a bom, vocês vão se desesperá cum Deus’? Porque quem dá é ele e quando nós perde, nós vai xingá ele? Tem como xingá? Tem muita gente que se desespera. Não senhora, num tá aqui ói, [a plantação] a senhora tá veno tudo nas mão de meu pai se meu pai me dé eu recebo. Se ele dizê: ‘minha fia tu trabaiô, mas tu não vai tê a mesma coisa a consegui a Deus, ta certo?’

Doc. Hum, hum

Inf. Muitos num diz que a gente tem que passá pá crente, que a lei de crente num sei quê. Não [inint] eu [inint] de Deus num falo mau da vida dos ôto, num sô farsa a ninguém, faço a caridade, se eu vê um cum fome eu vô ajudá como, se eu vê um nu, tivé duas rôpa eu vô dá uma, então o que vale é nós segui a Deus, mulé, tá certo?

⁸ Trata-se de uma pesquisa desenvolvida no Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, sob a coordenação da Profa. Lúcia Maria de J. Parcero. Vale esclarecer que nas entrevistas foram utilizadas as seguintes convenções INF (informante); DOC (documentador); ... (hesitação) [inint] (para palavras ou expressões ininteligíveis). Além disso, para se referir aos informantes utilizam-se GR1-5 (grupo 1, informante 5); GR2-1 (grupo 2, informante 1.)

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Diante das incertezas que a vida oferece, ao plantar, o lavrador da região tem apenas uma certeza: os resultados da colheita são duvidosos. Ele sabe que poderá ter uma safra boa ou ruim, ou ainda que está sujeito a perder tudo o que plantou como ocasionalmente ocorre por conta do fenômeno da seca que atinge o Nordeste.

Apesar desse conhecimento adquirido pela experiência e como não sabe explicar o fenômeno, a INF expressa uma atitude de resignação aos desígnios de Deus, na crença de um Deus ambivalente que dá e que castiga, ela culpa alguns moradores — *por causa dos castigo, porque uns faz bom e ôtos faz ruim* — pelas perdas ocasionadas pela seca, cujos efeitos podem ser amenizados pela ação humana, já que se trata de um fenômeno previsível.

Ao longo da História, a instituição religiosa utilizou-se da alienação humana, através de promessas para alcançar o paraíso pós-morte. A vida e as idéias da Idade Média estavam voltadas para a elevação espiritual e para a formação moral de religiosos e leigos, “a santidade identifica-se com um tipo de vida e com um modelo de comportamento que se baseavam na pobreza e na renúncia” (LE GOFF, 1989, p. 224). Viver à semelhança de Cristo era o ideal da Igreja.

Nos dias atuais, o sertão nordestino, de maneira similar ao que acontecia na Idade Média, se vale da concepção religiosa fundamentada na cultura do medo, sendo a fé manipulada em nome da salvação, a fim de manter os desfavorecidos pelas circunstâncias de nascimento, de modo a suportarem o meio hostil em que vivem.

Se se considerar que todo enunciado remete a outros dizeres, ou mesmo como afirma Bakhtin (1929, p. 291) que “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados”, verifica-se, então o ‘fenômeno da polifonia’. Conceito que foi retomado e desenvolvido por outros autores entre eles Ducrot em ‘teoria polifônica de enunciação’ e Authier-Revuz (1982 e 1990) no construto teórico conhecido como ‘heterogeneidade discursiva’. Nessa concepção a heterogeneidade é um traço constitutivo do discurso, de sua organização.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Assim dos enunciados *'Ele [Deus dá] drobado pra nós' e Nós perdeu quem sabe por causa do castigo' pode-se depreender* 'outras vozes — a da Igreja Católica — em uma mistura de valores antagônicos, ou seja, a crença em um Deus ambivalente que dá, que prover o alimento sob determinadas condições, mas que castiga a todos pela falta de fé ou pela desobediência de alguns.

Depreende-se, ademais, da resposta de uma 'católica' em *'Muitos num diz que a gente tem que passá pra crente ... num sei que'*, o discurso de convencimento dos evangélicos que circula na comunidade, como parte constitutiva necessária ao sentido como um todo.

Observa-se, ainda no fragmento, que a expressão 'ser bom', na definição dada por AMS, para além dos aspectos morais, consiste em fazer caridade, dividir o pouco que se tem com outros, ainda menos favorecidos, visão compatível, portanto, com a filosofia da Igreja na comunidade.

O fragmento 2 a seguir foi extraído da mesma entrevista do fragmento 1, quando na roça AMS mostrava as suas plantações.

Fragmento 2

DOC – Tá bonito. E essa planta aqui, fale de novo sobre ela. Fale de novo sobre essa planta. Como é o nome da planta?

INF. Essa planta chama pára-raio. Ela chama pára-raio, ela é uma planta que se tivé ela na porta num cai curisco, num cai raio na porta, num cai, tá entendeno? Ela chama assim é boa demais essa planta. Agora a gente planta ela, a gente [inint] e ela é planta rendeira. A gente planta um pé, planta dois, a semente cai ói, o terreiro todo tem ela.

DOC – E tem algum caso aqui de queda de raio?

INF. De queda tem. Aqui pela região? Tem. Agora graças a Deus pá nós não, mas de vez em quando cai na braúna, cai no licurizero. A senhora vê o licurizero morto. Que ele cai e mata. Ni Alma [localidade próxima], ni Alma com poucos tempo agora ni Alma, ali mermo base de um ano mais o meno, caiu den'de casa de um home, tá entendeno? Den'de casa, o home ficô pateto [inint] no chão, levaro ele pro médico. Aqui ni Cansação. Dessa chuva que deu agora cum base duns ... duns... daquela trovoada que deu em janeiro, a senhora lembra né?

DOC – Hum, hum,

INF – Aqui ni Cansação chama Luiz de Gago, o fio dele chama José. Tava de rádio ligado num sei ... o som, eu sei caiu minha senhora em cima da peça quand' estorô no chão, o curisco entô den'de casa afundô assim a peça e entô de chão a dento. Ficô o ôco den'de casa. Aqui ói, aí ni Cansação pra cá de Juazero. Aqui tem contecido, agora graças a Deus pá nós não, graças a Deus.

DOC – E quando tem trovoada, é ... as pessoas deixam o rádio ligado?

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

INF – Não. Eu num dexo. Deus me live ni minha casa, ói ni minha casa eu cubro o rádio, eu cubro o espeio de estante, num fica nada. Eu cubro tudo. Deus me livre esse povo que num credita, descreditavo, aí tem que vê mermo. Tem que vê os estrago porque a gente tem que confiá em Deus, sabê que Deus tá mandano castigo num é certo? E muita gente num credita.

A partir da crença do poder de uma planta de evitar raios, conhecida na região como *pára-raio*⁹, a conversa evoluiu para o fenômeno do relâmpago. Para além do conhecimento da população sobre os poderes das plantas na cura de várias doenças, o fragmento evidencia outros saberes adquiridos pela vivência. Observe-se em *'mas de vez em quando cai na brauna, cai no licurizero. A senhora vê o licurizero morto que ele cai mata'*, implícito, o *'Efeito das Pontas*¹⁰, em relação a descarga atmosférica (raio). Ao contrário desse princípio, a planta pára-raio tem poderes contra forças sobrenaturais — evitar acidente provocado por raio no local. É possível que algum saber se esconda nessa crença, entretanto, talvez por não saber explicitá-lo, a INF atribui à planta uma força divina. Desligar objetos como rádio, cobrir espelho, guardar tesouras, facas entre outros que podem atrair raios, não é uma atitude exclusiva da comunidade, é muito comum, por exemplo, nas pequenas cidades do Nordeste, nas palavras da INF. *'Eu num dexo [o rádio ligado]. Deus me livre, ni minha casa ói, ni minha casa eu cubro o rádio o espéio da estante, num fica nada'*. Apesar da falta de familiaridade com a tecnologia, há aí um conhecimento da prática sobre a energia do rádio como campo magnético de atração, portanto, desligar o rádio é desligar um campo de poder magnético. Além disso, como no fragmento 1, reaparece a imagem de um Deus que castiga, como diz AMS *'Deus me livre esse povo que num acredita, descreditavo, aí tem que vê mermo, tem que vê o castigo porque a gente tem que confiá em Deus, sabê que Deus tá mandando castigo (...) e muita gente num credita*. Assim, os fenômenos naturais tais como chuva, relâmpago, estiagem (seca) são explicados como forma de castigo por desobediência a Deus.

⁹ Refere-se a uma planta de pequeno porte, com folhas arredondadas e altura entre um a dois metros.

¹⁰ De modo simplificado, o fenômeno do *'Efeito das pontas'* corresponde a um princípio da Física, utilizado na tecnologia dos pára-raios. Uma vez que em um condutor eletrizado, a carga tende a acumular maior concentração nas pontas mais altas e pontiagudas, ao procurar um caminho para sua descarga, o raio atinge pontos como topo de morros, árvores isoladas, entre outros.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

O fragmento 3 foi extraído da entrevista realizada em outubro de 2004, também com a informante AMS, com o objetivo de verificar como se articula na comunidade, a manifestação do catolicismo com o candomblé, sob a orientação de uma mesma liderança.

Fragmento 3

Inf. Mora perto de A [MSM]. Ela eu arancei rezando que ela é mais véia do que eu e aí arancei rezano e hoje eu rezo mais ela. Nós duas é a rezadeira daqui de dento. Pá toda parada aqui é eu e ela rezando. Somo rezadera porque o povo vai à reza, qualquer reza. TBS já é de Nossa Senhora Aparecida do Nor ... de Santa Luzia, que ele tinha as vista doente a mãe fez uma promessa pá ele caminhá de joelho do Valinho até den'de casa, quande ele era sortero que ele tinha as vista quase cega.

Doc. Ele ficou bom?

Inf. Ficou. Ele ficou bom. Ele caminhô de joelho, caminhô de joelho com a D. Luzia na mão, que a mãe dele fez essa promessa ficou, não ficou cego das vista ficou bom. Agora ficou continuano aquela promessa todo ano rezar pra Santa Luzia, ta veno? Ele reza 27 de dezembo. Agora quem reza é eu mais cumade MSM, aí tem lelão.

Doc. Aí depois da reza tem leilão, depois tem a festa.

Inf. Tem samba, tem o lelão depois do lelão o samba. É se tiver batuque de candrombé tem, se não tiv [lá num tem] é samba de brasieliro. É só tem o canto que a gente tira ao lado, assim de Cosme, o que vai dá caruru, tá entendeno, né? Mas essa reza como a dele que é de Nossa Senhora Aparecida [Santa Luzia] que todo mundo reza. Um de santa Luzia como ele reza, outos santos como sant' Antônio, como muita gente reza aí, aí só tem samba brasileiro. Entende o brasileiro cumo é?

Doc. Sei.

Inf. Apôs, só tem o brasileiro.

Doc. O brasileiro eu já vi aqui, num é? Já vi aqui.

Inf. Já viu, pois é o brasileiro. Como no prédio a gente num cantemo ele no prédio?

Doc. Ali é o samba brasileiro.

Inf. Aquele é o brasileiro.

Doc. E o outro, como é que chama?

Inf. Samba de candrombé.

Envolvido de forma direta com os elementos da natureza, com o poder curativo das plantas, o homem do campo se dirige à divindade, muitas vezes sem a mediação da Igreja

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

oficial. Assim, verifica-se que na comunidade, embora haja uma representante da igreja, GVN¹¹, encarregada da catequese e de outras orientações da igreja católica, seu papel é secundário, já que na prática, em momentos de dificuldades, de doenças, de dor ou mesmo nos momentos de alegria, de celebração, os moradores recorrem à palavra, ao conselho, à oração de membros da comunidade — as rezadeiras — que dispõem de um saber religioso reconhecido pelo grupo como eficaz para essas circunstâncias.

Vale ressaltar que nas representações da comunidade, AMS exerce o papel de rezadeira, o que inclui ministrar as atividades de rezas aos santos católicos de devoção dos moradores: Santa Luzia, Santo Antônio, Bom Jesus da Lapa, bem como ministrar as cerimônias do caruru (candomblé) para aqueles que cultivam essa prática cujos rituais são oferecidos aos *Orixás Iansã* (Santa Bárbara) e aos *Erês* (sincretizados com os santos gêmeos São Cosme e São Damião).

Como curandeira, a representante possui também a arte de curar através das tradicionais rezas para *murfina*, *olho grosso* (inveja), *reza do vento* e outras. Desse modo, juntamente com MSM, outra moradora, AMS assume o papel de rezadeira, em suas palavras ‘*somo rezadera daqui de dentro. Pá toda parada é eu e ela rezano!. Somo rezadera porque o povo vai à reza*. Acrescente-se, ainda, que a INF conhece o poder curativo das plantas e seu papel inclui receitar chás e banhos de folha para doenças físicas e para males do espírito.

Há, portanto, na expressão religiosa¹² da comunidade uma divisão entre *reza* que corresponde às manifestações religiosas oferecidas a um santo católico e *caruru* que corresponde às manifestações do candomblé, na prática, entretanto, esses rituais se misturam.

Como na ‘arte de fazer’ de Certeau, a noção de ‘tática desviacionistas’ diante dos sistemas dominantes, como mencionado na introdução desse trabalho, pode ser aplicada ao sincretismo religioso. A partir dos modelos hegemônicos, os receptores das mensagens

¹¹ GVN, nascida na comunidade, tem 36 anos, cursa atualmente o 2º grau na sede do município, é a agente de saúde e a representante da Igreja Católica no local.

¹² Além do catolicismo e do candomblé, a comunidade conta com três famílias evangélicas da Igreja assembléia de Deus. Essas famílias demonstram intolerância às práticas religiosas da comunidade e não participam das mesmas.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

oficiais não são passivos e, do imposto, desenvolvem mecanismos recriando significados e práticas.

Assim, diante da religião dominante — a católica — os escravos exerciam suas crenças e resguardavam suas concepções religiosas. As ‘táticas desviacionistas’ não obedecem à lei do lugar e, desse modo, sem sair do lugar no qual tem que viver o que lhe impõe a lei, o indivíduo instaura aí a pluralidade e a criatividade (CERTEAU, 2004, p. 92).

Na Fazenda Maracujá, ainda hoje táticas semelhantes são usadas, em sincretismo com os santos da igreja, atrás das rezas e comemorações se esconde o candomblé, religião dominante do local.

O fragmento 3 é parte da entrevista realizada na casa da informante em outubro de 2004, cujo foco principal é o milagre da cura de TBS, de 63 anos, morador da comunidade. Longe do acesso aos cuidados médicos e aos avanços da medicina, em situações de doença, os moradores buscam sua cura pela magia, isto é, procuram um curandeiro ou o milagre concedido pelos santos através de promessa, uma espécie de negociação com o divino, com os santos.

A promessa é feita ao santo de devoção ou, dependendo do domínio de atuação de cada santo, o solicitante pode recorrer àquele que melhor atende a sua necessidade específica e, como retribuição à graça concedida, ele assume a dívida a ser paga, ao santo ou à entidade sobrenatural, em forma de reza ou de oferendas. Assim, uma promessa é, ao mesmo tempo, um apelo aos santos diante de uma dificuldade que está fora do alcance do mortal e um contrato dialógico entre o mortal e o imortal o santo, a força sobrenatural, e requer uma atitude responsiva do Santo como ‘condição de sucesso’ para que se pague a promessa. Há, portanto, um duplo comprometimento. “As promessas religiosas são realizações especiais do ato de prometer¹³, e como tal devem ser analisadas, pois envolvem crenças, valores culturais específicos e não apenas uma relação social entre indivíduos” (REZENDE, 2000, p. 144).

¹³ Promessas são expressões performativas, um ato de fala ilocucional, formal e bem articulado consistindo no comprometimento por parte do locutor. Além disso, a promessa requer um tipo de ocasião ou situação que a exija. (Searle, 1981)

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Outro aspecto da promessa é que o indivíduo assume o compromisso que se materializa na reza ou na oferenda, temendo um castigo pelo seu não cumprimento, em respeito ao contrato firmado por ele próprio ou por algum antepassado.

Neste caso, a promessa foi feita à Santa Luzia, protetora da visão, pela mãe de TBS, como afirma a INF.

Inf. – (...) ele tinha as vista doente a mãe fez uma promessa pra ele caminha de joelho, pra ele caminha de joelho do valinho até den`de casa, quando ele era sortero que ele tinha as vista quase cega.

Doc. ele ficou bom.

Inf. Ele ficou bom. Ele caminho de joelho, caminhou com D. Luzia na mão, que a mãe dele fez essa promessa ficou, não ficou cego das vistas ficou bom. Agora ficou continuando aquela promessa todo ano reza pra Santa Luzia, ta veno? Ele reza 27 de dezembro. Agora quem reza é eu e cumade AMS, aí tem leilão.

Como retribuição pela graça alcançada, TBS assumiu o compromisso feito por sua mãe de agradecer à santa com orações durante toda a sua vida, o que ocorre, anualmente, em 27 de dezembro, em sua residência.

A partir da concepção bakhtiniana, a forma de conceber o mundo, bem como as tradições culturais dos indivíduos estão refletidas na linguagem. Na passagem a seguir, pode-se depreender aspectos culturais nas práticas religiosas peculiares do grupo.

Doc. – Aí depois da reza tem leilão, depois festa.

Inf. Tem samba, tem leilão depois do leilão tem samba. É se tivé batuque de candrombé tem, se num tivé [lá num tem] é samba brasileiro. É só tem o canto que a gente tira ao lado, assim de Cosme, o que vai dá caruru, ta entendendo, né? Mas essa reza como a dele que é de Nossa Senhora Aparecida [Santa Luzia] que todo mundo reza. Um de Santa Luzia como ele reza aí, aí só tem samba brasileiro. Entende o brasileiro como é?

Doc. Sei.

(...)

Doc. E o outro, como é que chama?

Inf. Samba de candrombé.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Dessa forma, como ensina Bakhtin (1929, p. 70), analisar o fenômeno da linguagem implica em “situar o locutor e o receptor, bem como o próprio discurso no meio social”. A exemplo, na expressão ‘*todo mundo reza*’ está implícito que no candomblé, diferente das rezas, nem todos participam.

Além do mais, as palavras carregam valores historicamente constituídos. “A *palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (BAKHTIN, 1929, p.:95). Assim, *samba* vem, etimologicamente, do banto das línguas *Quicongo* e *Quimbundo*, nas quais, além de significar *cerimônia pública de macumba*, a palavra significa também *rezar, orar* (PESSOA DE CASTRO, 2001, p. 333), portanto, ela manteve o seu significado africano nas manifestações religiosas da comunidade. Observe-se então, que no trecho há *samba* e *samba*, ou seja, há o *samba* acompanhado do atabaque e de cânticos que possuem toda uma simbologia dentro do candomblé e o *samba* que segue as rezas acompanhado pelos sambadores que tocam os sambas conhecidos na região. Vale ressaltar que o adjetivo ‘*brasileiro*’ e a expressão adjetiva ‘*de candomblé*’ foram colocados para explicitar os diferentes valores da palavra no local a um interlocutor estranho ao mesmo — a pesquisadora —, pois na comunidade a palavra ganha sentido na situação de comunicação, isto é, de onde ocorre o evento e de quem o oferece. Dispensa, portanto, a adjetivação.

Após as cerimônias religiosas, seja *reza* ou *caruru*, se realiza um leilão. Essa prática faz parte das festividades religiosas de qualquer natureza, consiste em animadamente se colocar para arremate, como nos conta AMS¹⁴, ‘*latas de doce, sabonete, frasco de perfume, tudo bota no leilão, bota tudo no remate aí sai por um real*. E então prossegue o *samba*.

Nas representações do local existe também o papel do ‘*sambador*’. Os sambadores, geralmente, são homens que tocam instrumentos e cantam os sambas conhecidos na região, acompanhados dos presentes, que cantam e batem palmas. Eles também são chamados para

¹⁴ O trecho faz parte da entrevista realizada com a informante em junho de 2000 e não consta dos fragmentos aqui apresentados.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

exercerem seu papel nas localidades próximas. Assim, a região conta com um grupo de sambadores, os quais, com uma viola e com instrumentos simples tipo enxada¹⁵, pandeiro ou chocalho, sustentam o samba até o dia amanhecer, quando é oferecido um café pelo dono da casa.

Vale ressaltar, além disso, que, na região, fora da comunidade, e até mesmo entre alguns jovens da mesma, a prática do candomblé é muito estigmatizada. Para ilustrar esse fato, tomam-se aqui fragmentos da entrevista realizada com TLS¹⁶, informante moradora da sede do município, referindo-se a sua mãe que se diz católica *‘minha mãe dança, só que se eu tivé no caruru, aonde eu tivé ela não dança, porque ela sabe que eu não gosto, ela tem vergonha. E outro dia eu soube que a minha irmã mais velha invocava sempre’*. No trecho para denominar o processo de transe, a informante usa expressões do tipo *‘invocar’*, *‘dançar’*. Em decorrência, ela evita o termo *‘dar santo’*, como é popularmente conhecido no candomblé. Ademais, o enunciado *‘ela tem vergonha’* expressa com precisão o sentimento dos adeptos do candomblé em relação às pessoas de fora desses cultos. Esses fatos podem remeter ao valor negativo que as palavras e expressões associadas ao candomblé carregam.

Observe-se ainda nas palavras de TLS *‘Eu num entendo essas coisas que os mais velho num gostam de falá dessas coisas. Às vezes eu pergunto a minha tia M ‘minha tia porque a siora se envolveu nisso? Ah! a gente adoeceu e precisou’*. Assuntos sobre os quais não se falam são também significativos e, neste caso, podem reforçar a idéia dos valores negativos atribuídos às práticas do candomblé.

O samba faz parte das principais atividades religiosas sociodiscursivas e culturais, nas quais as manifestações da fé se materializam, intimamente relacionadas ao sincretismo e se constituem parte importante da religião. O samba ao toque do atabaque é um ritmo a partir do qual as pessoas se entregam ao êxtase do transe produzido por danças, músicas agitadas, na alegria contagiante das celebrações religiosas. É o espaço onde se neutralizam as diferenças

¹⁵ A enxada sem cabo também serve como instrumento musical, com o auxílio de uma colher produz o som

¹⁶ A informante, de 26 anos, apesar de ter nascido na comunidade, foi criada por uma família católica da sede do município, sem conhecer os seus pais biológicos, com os quais só veio a ter contato após os dezenove anos.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

que separam as duas crenças religiosas predominantes na comunidade, já que o Orixá pode se manifestar tanto no samba que segue a reza, quanto no que segue o batuque do candomblé. A diferença, entretanto, consiste no fato de que no samba de candomblé há o toque do atabaque como forma de invocação para a entrada do Orixá, ou seja, a entidade é convidada a se manifestar; já no samba das rezas aos Santos católicos, a manifestação do Orixá é espontânea as duas crenças se misturam de tal forma que, nos cultos aos santos, há manifestações de entidades do candomblé, nos rituais do candomblé não se dispensam velas, imagens de santos, novenas e ladainha.

Do convívio com a comunidade e com base nos trechos das entrevistas analisados, depreende-se que diante de fatos ou de situações que não conseguem explicar, entender ou justificar, os informantes buscam as explicações entre a magia, a devoção e a fé.

Longe, portanto, de um discurso homogêneo, prevalece a ambivalência, assim, o Deus que concede a graça, o milagre de cura das doenças é o mesmo que castiga com a seca que assola a região, com os acidentes naturais, a exemplo da ‘queda de raio’. Desta forma, pode-se dizer que a principal característica dos eventos religiosos é sua heterogeneidade materializada na linguagem que carrega crenças e valores sócio-historicamente constituídos no interior da cultura da comunidade.

Referencias Bibliográficas

ALKMIN, T. Sociolinguística. In: MUSSOULIN, Fernanda e BENTES, Ana Cristina (Orgs.) *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras* v. 1. São Paulo: Hucitec, 2001, p. 21-47.

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV*, Paris, 26: 91-151, 1982.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, 19: 25-42, jul./dez. 1990.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2005.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

CARNEIRO, E. *Candomblés da Bahia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1978.

CERTEAU, M de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREITAS, M. T. de A. Abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *CADERNOS DE PESQUISA*. Rio de Janeiro. Fundação Carlos Chagas, nº 116 julho, 2001, p. 21-39.

GERALDI, J. W. *Alteridade: espaços e tempo de instabilidades*. 2003 (mimeo).

LE GOFF, J. *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1989, p. 211-230.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, Ed. UNICAMP/Pontes, 1993.

MIOTELLO, V. Ideologia. In BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 167-176

PEREIRA, J. B. B. SEYFERTH, G. et al. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Peirópolis, ABONG, 2002.

PESSOA DE CASTRO, Y. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks. Academia de Letras, 2001.

PONZIO, A. *La revolución bajtiniana: el pensamiento de Bajtin y a ideología contemporánea*. Madrid: Ediciones Cátedra. S.A, 1998.

POVOAS, R. do C. Dentro do quarto. In Caroso, C & Bacelar, J. (Orgs.). *Faces da tradição afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 1999, p 213-237.

REIS, J. J. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. *Revista USP*. Dossiê Povo Negro – 300 Anos. São Paulo, nº 28, 1996, p.14-39.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

REZENDE, T. F. Discurso e identidade etnocultural em Pombal-GO. Dissertação de Mestrado. Goiânia/UFG, 2000.

SEARLE, J. R. *Os actos de fala*: um ensino de filosofia da linguagem. Coimbra: Almedina, 1981.